

**“EU VOU TE FALTAR PARA QUE NADA TE FALTE”: CONSIDERAÇÕES SOBRE  
A MELANCOLIA NA INFÂNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES NA CLÍNICA  
PSICANALÍTICA**

Jomábia Cristina Gonçalves dos Santos<sup>1</sup>; Marcella Érica Belchior de Oliveira<sup>2</sup>; Érika Teles  
Dauer<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá.  
E-mail: jomabia13@hotmail.com

<sup>2</sup>Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Católica de Quixadá.  
E-mail: marcella\_erica@hotmail.com

<sup>3</sup>Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá.  
E-mail: erikateles@unicatolicaquixada.edu.br

**RESUMO**

A partir de uma interlocução entre os Estágios Profissionalizantes I e II em clínica psicanalítica, este trabalho objetiva dissertar acerca do fenômeno da melancolia na infância, bem como sobre suas articulações nos atendimentos com crianças. Desse modo, realizou-se uma leitura da obra de autores que se propuseram a estudar o tema, dentre eles elegeram-se Freud e Julieta Jerusalinsky. Apresentam-se, ainda, relatos de experiências sobre a prática vivenciada durante o estágio. Jerusalinsky salienta que, em decorrência da noção de infância feliz, é ofertado a criança uma série de objetos ou atividades a fim de que nada lhes falte, assim como existe uma tendência por parte dos responsáveis de evitar que as crianças passem por frustrações e tristezas, o que pode contribuir para uma despreparação emocional da criança, podendo acarretar em dificuldades para enfrentar obstáculos e limites. Assim, a autora, define a melancolia na infância como esse estado onde a criança não demanda, não fantasia, não deseja, não sabe lidar com suas frustrações, porque, de algum modo, isso não lhe foi permitido. Na clínica psicanalítica, tal fenômeno pode ser percebido através dos discursos dos responsáveis, bem como os sintomas apresentados pelas crianças que se configuram como respostas diante de algum sofrimento ou frustração que estejam sendo vivenciados.

**Palavras-chave:** Melancolia. Infância. Clínica Psicanalítica.

**INTRODUÇÃO**

Freud, em seu texto Luto e Melancolia (1917), postula que a melancolia é um estado clínico que se caracteriza por um desânimo e pouco interesse pelo mundo externo. Partindo dessa perspectiva, Julieta Jerusalinsky (2016) assinala que a melancolia também pode ser percebida durante a infância e explana sobre as relações desse fenômeno com momento atual em que vivemos – onde há uma epidemia de diagnósticos, distúrbios de aprendizagem e atenção, hiperatividade e, até mesmo, autismo e transtorno bipolar infantil – e a sua articulação com a clínica psicanalítica infantil.

Jerusalinsky (2016) vem salientar que, em decorrência da noção contemporânea de infância feliz, existe uma tendência por parte dos pais ou cuidadores de poupar os filhos de frustrações e tristezas. Isto pode contribuir para uma fragilidade emocional da criança e acarretar um despreparo desta para enfrentar obstáculos e limites, podendo ainda ingressar a criança no mundo do tanto faz, onde tudo é igualmente sem graça, o que a autora aponta como características da melancolia na infância.

Partindo disso, mediante um estudo teórico, o presente trabalho encontra como objetivo dissertar acerca do fenômeno da melancolia na infância, bem como sobre suas articulações com os atendimentos com crianças, a partir da vivência das estagiárias nas disciplinas de Estágios Profissionalizantes I e II.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho foi realizado através de uma leitura de textos de autores e estudiosos que se dedicam ao estudo da melancolia, dentre eles destacam-se Freud (1917/2006) e Julieta Jerusalinsky (2016), juntamente com os relatos das experiências das estagiárias durante seus processos de Estágio Profissionalizante I e II, em clínica psicanalítica. É válido apontar que não serão realizados estudos de caso dos atendimentos, mas sim recortes dos casos atendidos, a fim de ilustrar como o fenômeno se faz presente na clínica.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **SOBRE A MELANCOLIA**

A melancolia era conhecida na antiguidade como doença da bÍlis negra, pois o excesso dessa substância era tido como causa da profunda tristeza, humor deprimido e desânimo do sujeito (TENÓRIO; MOURA, 2014). De acordo com Freud (1917/2006), a melancolia se caracteriza por um estado em que o sujeito apresenta um desânimo intenso, a perda da capacidade de amar e desejar objetos, uma inibição de realizar qualquer atividade e diminuição de sentimentos de autoestima, salientando que este estado está relacionado à perda de um objeto de amor pelo sujeito.

Freud (1917/2006) postula que, em alguns casos, o paciente não consegue perceber conscientemente o que de fato foi perdido, por isso, ele aponta que a melancolia está relacionada de alguma forma a uma perda objetual retirada da consciência. O autor coloca que o paciente se encontra tão desinteressado a investir, que ocorre uma perda relativa ao seu ego, onde este se torna incapaz de qualquer realização.

Ao dissertar sobre a melancolia, Freud (1917/2006) aponta suas relações com o fenômeno do luto. Sinaliza que, frequentemente, ambos são desencadeados após a perda de um objeto de amor e se assemelham no sentimento penoso, de apatia e desligamento do mundo. Entretanto, enquanto o luto se relaciona com uma perda objetual onde o mundo passa a não fazer mais sentido, na melancolia o ego é que se perde, portanto, o melancólico pode passar a desprezar o seu próprio eu.

Peres (2010) ressalta acerca da importância de distinguir a melancolia da depressão. De acordo com a autora, a depressão é um diagnóstico psiquiátrico que reduz o sujeito de seu sofrimento, generalizando esse estado como uma insuficiência biológica e um déficit neuro-hormonal. Já a psicanálise coloca a melancolia na ordem de um desamparo fundamental, onde o sujeito se vê em “uma complexa e problemática relação com a perda, a falta, o vazio estrutural do ser humano” (p. 10).

Para a psicanálise, a melancolia vem lançar o desafio do sujeito se encontrar entre o somático e o psíquico, o que é da estrutura ou da atualidade, é uma neurose, ou uma psicose; conforme assinala Peres (2010, p. 10): “acenando, mais propriamente, para o nosso não saber que para o nosso saber”. Em psicanálise, existem inúmeros estudos que se dedicam a traçar estas questões sobre a melancolia, porém, estes não serão aqui aprofundados em decorrência do objetivo e limitações do nosso trabalho.

## “ERA UMA VEZ, UMA CRIANÇA QUE NÃO DESEJA”: A MELANCOLIA NA INFÂNCIA

Para falar de melancolia na infância, Jerusalinsky (2016) pontua que não se pode dissociar esse fenômeno da atual noção de infância como uma fase de desenvolvimento que deve ser extremamente feliz. A autora sinaliza que os pais estão permeados pelos ideais contemporâneos de que a infância deve ser uma época feliz da vida e que não há espaço para tristezas, logo, que a criança não deve passar por sofrimentos ou restrições.

Devido a essa noção, cria-se no imaginário dos cuidadores a ideia de que eles devem satisfazer tanto quanto possível os seus filhos. Jerusalinsky (2016) relaciona tal atitude como problemática, pois é necessário para o amadurecimento da criança que esta sinta alegrias e tristezas. Essa noção pode ser percebida durante a experiência na clínica, quando os pais relatam que sempre deram tudo para seus filhos: “eu não sei por que ele é assim, eu sempre fiz tudo por ele”. Nesse sentido, Jerusalinsky (2016, s/p) ressalta:

ao se procurar evitar todo e qualquer sofrimento para uma criança, por exemplo, querendo facilitar-lhe todas as satisfações e evitar-lhe ao máximo o encontro com as frustrações, ou, por exemplo, ao poupá-lo da transmissão de acontecimentos tristes da sua vida, justamente é aí que se pode estar empurrando uma criança na direção da melancolia.

A autora postula que é na infância que o sujeito começa a desejar um por vir, a ansiar, a querer aquilo que lhe falta, e, quando isso não é permitido pelos cuidadores, a criança pode ingressar no mundo do “tanto faz”. A melancolia na infância, além de se caracterizar como uma tristeza, configura-se mais ainda por uma indiferença, onde ocorre uma suspensão do desejo e tudo se torna igual e sem graça, pois crianças que tem de tudo, nada querem, já que não houve investimento nesse tudo que se tem (JERUSALINSKY, 2016).

A partir das experiências clínicas, observa-se que, no cenário contemporâneo, tornou-se comum os pais não permitirem que seus filhos passem por frustrações, evitando contar-lhes sobre eventos que consideram “traumáticos”. Durante as entrevistas com os cuidadores, pode perceber a dificuldade que estes apresentam ao relatar aos filhos sobre a perda de parentes, por exemplo, justificando que isso irá causar sofrimento a eles. Jerusalinsky (2016) coaduna que é necessário que a criança viva a experiência de frustração, pois é através desta que o sujeito produz algo novo e, quando os pais não permitem isso, deixam os filhos sem ferramentas psíquicas para superar as dores e sofrimentos, o que pode empurrá-los para uma posição melancólica.

A melancolia pode derivar de uma falha no amor. O amor que, além de ser tudo, também precisa ofertar a falta, tendo em vista que esta é fundamental para a constituição do sujeito. Quando na relação com os cuidadores não há o tempo da criança, ou seja, o tempo necessário a esta para entrar em contato com a falta e de elaborá-la, quando isso não é colocado como uma possibilidade, o amor falha, pois não houve oportunidade da inscrição da falha. Mesmo o amor não deixando faltar nada, faltou falhar (BRANCO, 2014).

Freud (1931/2006) argumenta que o amor infantil exige nada menos que tudo. Jerusalinsky (2016) pontua que, a partir da lógica de dar tudo, as crianças passam a querer sempre mais. Em breve, os cuidadores já não poderão oferecer esse mais, e, conseqüentemente, as crianças poderão passar a responder através dos sintomas psicossomáticos, por exemplo: agitações, agressividade, dentre outros. Tais sintomas podem ser facilmente relacionados às situações de frustrações, visto que elas não estão preparadas para lidar com isso. Aspectos estes que foram percebidos na experiência dos estágios, através dos relatos dos cuidadores, quando se nota em que posição do desejo dos pais a criança se encontra inserida: no lugar daquela que

tem tudo, mas que quer sempre além e, por não conseguir compreender um limite simbólico, esse limite se faz marcar no corpo através dos impedimentos que o sintoma acarreta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interlocução da prática clínica com a teoria nos possibilitou problematizar a incidência com que os pais buscam o atendimento clínico infantil, a partir de um diagnóstico já estabelecido ou com a expectativa que uma delimitação, confirmação e orientações sobre como prosseguir com o “problema”. Grande parte da demanda que chega ao SPA é de crianças com diagnóstico como hiperatividade, agressividade e etc, ou a espera de uma nomeação do seu sintoma.

Nos primeiros contatos com os pais, é comum escutarmos a ânsia de saber o que há de errado com seus filhos, pois nada nunca os faltou e eles sempre querem mais ou são indiferentes a tudo. Na experiência clínica, oferecemos para as crianças um espaço de fala, de elaboração, colocamos estas no lugar de sujeitos desejantes, lugar que por vezes os pais retiram de seus filhos ao não permitir que proporcionar a essa criança esse tempo de elaborar a falha do faltar. É apoiado na fantasia que o brincar se torna possível, fazendo com que a partir do desenrolar da narrativa da criança ela se torne autora do seu processo.

## REFERÊNCIAS

BRANCO, Felipe Castelo. Sobre o amor e suas falhas: uma leitura da melancolia em psicanálise. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, [s.l.], v. 17, n. 1, p.85-98, jun. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-14982014000100006>

FREUD, Sigmund. (1917). **Luto e Melancolia**. In: FREUD, Sigmund. Obras Completas. Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. (1931). **Sexualidade feminina**. In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad.) (Vol. 21). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976.

JERUSALINSKY, Julieta. **Melancolia na Infância**. Documentário produzido pelo Café Filosófico - CPFL. Youtube, 09 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tEXNCygMsRQ>

PERES, Urania Tourinho. **Depressão e melancolia**. Coleção Passo-a-Passo, Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2010.

TENÓRIO, Fernando; MOURA, Fernanda Costa. **Melancolia como presença real do objeto: uma abordagem lacaniana**. Revista Latinoam. Psicopat. Fund. São Paulo, 2014.